

PROJETO  
O PRESIDENTE NEGRO  
Ou  
O CHOQUE DAS RAÇAS  
Romance americano do ano 2228

Escrito em 1926, em apenas três semanas para o A MANHÃ, de Mario Rodrigues, o romance aborda a vida de Ayrton, como principal personagem, funcionário da empresa Sá, Pato & Cia.

Escrito em primeira pessoa, Ayrton revela a vida e as ambições de um homem do período conhecido como entre-guerras. Vive o personagem na cidade do Rio de Janeiro, então capital federal e revela as ambições de um classe média típico.

O livro é, antes de mais nada, obra de ficção, única obra dessa espécie escrita por Lobato. Trata-se de um belo exercício de antevisão, que levava em conta a situação política, social e cultural da época em que foi escrito.

Monteiro Lobato elege os Estados Unidos como a força futura e prevê que, em 2228 será eleito um presidente negro, Jim Roy.

O livro inicia com reflexões de Ayrton, dividindo o homem urbano, entre os que possuem automóvel e os que não possuem. Já fica bem evidente o poder e status que esse veículo revolucionário proporcionaria – e os conflitos urbanos que igualmente adviriam da indústria automobilística.

Vale lembrar que o Brasil, em 1926, era um país essencialmente agrário, vivendo ainda o pacto da política café com leite. Somente em 1930, Getúlio assumiria o poder, reformando o Brasil, tornando-o urbano.

Os anos vinte do século passado assistiram à grande revolução do rádio – que seria incrementado no governo de Getúlio e atingira o apogeu no final dos anos 30, declinando a partir dos anos 50, com o surgimento da televisão.

Monteiro Lobato prevê, curiosamente, alguns aspectos da tecnologia, partindo das ondas de rádio: o sistema de votação, os jornais diários, a comunicação imediata, tudo isso se faria por ondas de radiação. Não consegue, portanto, imaginar a transmissão da imagem. O homem não teria mais a necessidade de deslocar-se, pois faria grande parte de suas tarefas diretamente de casa.

O livro, além da tecnologia, aborda aspectos raciais: a cisão da América entre negros e brancos. No tom do livro, ficam evidentes ainda as mazelas provocadas pela escravidão na cultura americana – mais propriamente o ódio racial ainda pungente. Não contava Lobato com os avanços revolucionários atingidos nos anos 60 desse século, que culminaram na ascensão social e política do negro, representada na eleição do presidente Obama.

Era também impossível para o autor prever a invasão latina, que reconfigura a paisagem americana, à medida que as gerações de latinos se convertem de mão de obra de baixa qualidade para profissionais requisitados e importantes.

Nesse sentido, a eugenia é desdobrada na obra. Lembremos que a pureza ariana seria pedra de toque dos nazistas.

A América passaria, ao longo dos anos assinalados por Lobato, por um processo de pureza, no qual as prostitutas, os tarados, os deficientes seriam paulatinamente eliminados da sociedade, já no nascimento.

Essa pureza eugênica de Lobato não contava com a invasão latina que, ao contrário, latinizou a cultura americana.

À semelhança de 1984, de George Orwell, Monteiro Lobato prevê o futuro com maior intervenção do estado. Ao contrário de Orwell cujo estado é autoritário e ditatorial, o brasileiro via a democracia, com eleições livres, ainda como método.

Os partidos políticos se intercalam no poder, o que possibilita a ascensão do presidente negro. De qualquer sorte, o planejamento familiar, por imposição autoritária do estado, é determinante nessa nova sociedade imaginada por Lobato. Apenas as famílias autorizadas podem procriar, para manter a pureza da raça.

Os crimes, a pobreza, enfim, todos os problemas tidos e havidos no mundo atual, são vistos na obra como decorrência do problema racial, e apenas a eugenia poderá consertar isso.

Essa era uma idéia vigente na época, e muito bem exposta pelo autor.

A questão feminina igualmente é abordada no livro – a mulher torna-se totalmente independente do homem, possui trabalho, status social e igualdade em relação ao macho.

É bom lembrar que em 1926 a mulher brasileira ainda não tinha direito ao voto, direito adquirido apenas no pós-guerra.